

FRIEDRICH NIETZSCHE

ASSIM FALOU  
ZARATUSTRA

*Um livro para todos e para ninguém*

*Tradução, notas e posfácio*  
Paulo César de Souza



Copyright da tradução, notas e posfácio  
© 2011 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Also sprach Zarathustra

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Márcia Copola

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

Verba Editorial

*Revisão*

Érica Borges Correa

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

Assim falou Zarathustra : um livro para todos e para ninguém /  
Friedrich Nietzsche ; tradução, notas e posfácio Paulo César de  
Souza. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2018.

Título original: Also sprach Zarathustra.

ISBN 978-85-359-3048-1

1. Filosofia alemã 1. Título.

---

17-11186

CDD-193

Índice para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Filosofia alemã 193

2018

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE

- Prólogo de Zaratustra 10  
Os discursos de Zaratustra 25  
    Das três metamorfoses 25  
    Das catedras da virtude 27  
    Dos trasmundanos 29  
    Dos desprezadores do corpo 32  
    Das paixões alegres e dolorosas 34  
    Do criminoso pálido 36  
    Do ler e escrever 38  
    Da árvore na montanha 40  
    Dos pregadores da morte 43  
    Da guerra e dos guerreiros 44  
    Do novo ídolo 46  
    Das moscas do mercado 49  
    Da castidade 52  
    Do amigo 53  
    Das mil metas e uma só meta 55  
    Do amor ao próximo 58  
    Do caminho do criador 59  
    Das velhas e novas mulherezinhas 62  
    Da picada da víbora 64  
    Dos filhos e do matrimônio 66  
    Da morte voluntária 68  
    Da virtude dadivosa 71

## SEGUNDA PARTE

- O menino com o espelho 78

- Nas ilhas bem-aventuradas 80  
Dos compassivos 83  
Dos sacerdotes 86  
Dos virtuosos 89  
Da gentalha 92  
Das tarântulas 94  
Dos sábios famosos 98  
O canto noturno 100  
O canto da dança 102  
O canto dos sepulcros 105  
Da superação de si mesmo 108  
Dos sublimes 112  
Do país da cultura 114  
Do imaculado conhecimento 117  
Dos eruditos 119  
Dos poetas 122  
Dos grandes acontecimentos 125  
O adivinho 128  
Da redenção 132  
Da prudência humana 137  
A hora mais quieta 140

#### TERCEIRA PARTE

- O andarilho 146  
Da visão e enigma 149  
Da bem-aventurança involuntária 154  
Antes do nascer do sol 157  
Da virtude que apequena 160  
No monte das oliveiras 166  
Do passar além 169  
Dos apóstatas 172  
O regresso 176  
Dos três males 179  
Do espírito de gravidade 184  
De velhas e novas tâbuas 188

- O convalescente 206  
Do grande anseio 213  
O outro canto da dança 215  
Os sete selos 219

QUARTA PARTE

- A oferenda do mel 224  
O grito de socorro 227  
Conversa com os reis 231  
A sangueussuga 234  
O feiticeiro 238  
Aposentado 244  
O mais feio dos homens 249  
O mendigo voluntário 253  
A sombra 257  
No meio-dia 261  
A saudação 264  
A última ceia 269  
Do homem superior 271  
O canto da melancolia 280  
Da ciência 285  
Entre as filhas do deserto 288  
O despertar 293  
A festa do asno 296  
O canto ébrio 300  
O sinal 307

- Notas 311  
Posfácio 337  
Índice remissivo 347  
Sobre o autor e o tradutor 357

# PRIMEIRA PARTE

## PRÓLOGO DE ZARATUSTRA

1. Aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas.<sup>1</sup> Ali gozou do seu espírito e da sua solidão, e durante dez anos não se cansou. Mas enfim seu coração mudou — e um dia ele se levantou com a aurora, foi para diante do sol e assim lhe falou:

“Ó grande astro! Que seria de tua felicidade, se não tivesses aqueles que iluminas?

Há dez anos vens até minha caverna: já te terias saciado de tua luz e dessa jornada, sem mim, minha águia e minha serpente.

Mas nós sempre te esperamos a cada manhã, tomamos de ti teu excesso e por ele te abençoamos.

Olha! Estou farto de minha sabedoria, como a abelha que juntou demasiado mel; necessito de mãos que se estendam.

Quero doar e distribuir, até que os sábios entre os homens voltem a se alegrar de sua tolice e os pobres, de sua riqueza.

Para isso devo baixar à profundeza: como fazes à noite, quando vais para trás do oceano e levas a luz também ao mundo inferior, ó astro abundante!

Devo, assim como tu, *declinar*,<sup>2</sup> como dizem os homens aos quais desejo ir.

Então me abençoa, ó olho tranquilo, capaz de contemplar sem inveja até mesmo uma felicidade grande em demasia!

Abençoa a taça que quer transbordar, para que a água dela escorra dourada e por toda parte carregue o brilho do teu enlevo!

Olha! Esta taça quer novamente se esvaziar, e Zaratustra quer novamente se fazer homem.”

— Assim começou o declínio de Zaratustra.

2. Zaratustra desceu sozinho pela montanha, sem deparar com ninguém. Chegando aos bosques, porém, viu subitamente

um homem velho, que havia deixado sua cabana sagrada para colher raízes na floresta. E assim falou o velho a Zaratustra:

“Não me é estranho esse andarilho: por aqui passou há muitos anos. Chamava-se Zaratustra; mas está mudado.

Naquele tempo levavas tuas cinzas para os montes: queres agora levar teu fogo para os vales? Não temes o castigo para o incendiário?

Sim, reconheço Zaratustra. Puro é seu olhar, e sua boca não esconde nenhum nojo. Não caminha ele como um dançarino?

Mudado está Zaratustra; tornou-se uma criança Zaratustra, um despertado<sup>3</sup> é Zaratustra: que queres agora entre os que dormem?

Vivias na solidão como num mar, e o mar te carregava. Ai de ti, queres então subir à terra? Ai de ti, queres novamente arrastar tu mesmo o teu corpo?”

Respondeu Zaratustra: “Eu amo os homens”.

“Por que”, disse o santo, “fui para o ermo e a floresta? Não seria por amar demais os homens?”

Agora amo a Deus: os homens já não amo. O homem é, para mim, uma coisa demasiado imperfeita. O amor aos homens me mataria.”

Respondeu Zaratustra: “Que fiz eu, falando de amor? Traigo aos homens uma dádiva”.

“Não lhes dês nada”, disse o santo. “Tira-lhes algo, isto sim, e carrega-o juntamente com eles — será o melhor para eles: se for bom para ti!

E, querendo lhes dar, não dês mais que uma esmola, deixando ainda que a mendiguem!”

“Não”, respondeu Zaratustra, “não dou esmolas. Não sou pobre o bastante para isso.”

O santo riu de Zaratustra, e falou assim: “Então cuida para que recebam teus tesouros! Eles desconfiam dos eremitas e não acreditam que viemos para presentear.

Para eles, nossos passos ecoam solitários demais pelas ruas. E quando, deitados à noite em suas camas, ouvem um homem

a caminhar bem antes de nascer o sol, perguntam a si mesmos: aonde vai esse ladrão?

Não vás para junto dos homens, fica na floresta! Seria até melhor que fosses para junto dos animais! Por que não queres ser, como eu — um urso entre os ursos, um pássaro entre os pássaros?"

"E o que faz o santo na floresta?", perguntou Zaratustra.

Respondeu o santo: "Eu faço canções e as canto, e, quando faço canções, rio, choro e sussurro: assim louvo a Deus.

Cantando, chorando, rindo e sussurrando eu louvo ao deus que é meu Deus. Mas o que trazes de presente?"

Ao ouvir essas palavras, Zaratustra saudou o santo e falou: "Que poderia eu vos dar? Deixai-me partir, para que nada vos tire!" — E assim se despediram um do outro, o idoso e o homem, rindo como riem dois meninos.

Mas, quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração:<sup>4</sup> "Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não sabe que *Deus está morto!*".

3. Quando Zaratustra chegou à cidade mais próxima, na margem da floresta, ali encontrou muita gente reunida na praça; pois fora anunciado que um equilibrista<sup>5</sup> andaria na corda. E Zaratustra assim falou à gente:

*Eu vos ensino o super-homem.*<sup>6</sup> O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?

Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem?

Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada, ou dolorosa vergonha.

Fizestes o caminho do verme ao homem, e muito, em vós, ainda é verme. Outrora fostes macacos, e ainda agora o homem é mais macaco do que qualquer macaco.<sup>7</sup>

O mais sábio entre vós é apenas discrepância e mistura de planta e fantasma. Mas digo eu que vos deveis tornar fantasmas ou plantas?

Vede, eu vos ensino o super-homem!

O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra!

Eu vos imploro, irmãos, *permanecki fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterrenas! São envenenadores, saibam eles ou não.

São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então!

Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra!

Uma vez a alma olhava com desprezo para o corpo: e esse desdém era o que havia de maior: — ela o queria magro, horrível, faminto. Assim pensava ela escapar ao corpo e à terra.

Oh, essa alma mesma era ainda magra, horrível e faminta: e a crueldade era a volúpia dessa alma!

Mas também vós, irmãos, dizei-me: o que conta vosso corpo sobre vossa alma? Não é ela pobreza, imundície e lamentável satisfação?

Na verdade, um rio imundo é o homem. É preciso ser um oceano para acolher um rio imundo sem se tornar impuro.

Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é este oceano, nele pode afundar o vosso grande desprezo.

Qual é a maior coisa que podeis experimentar? É a hora do grande desprezo. A hora em que também vossa felicidade se converte em nojo para vós, assim como vossa razão e vossa virtude.

A hora em que dizeis: “Que importa minha felicidade? Ela é pobreza, imundície e lamentável satisfação. Mas minha felicidade deveria justificar a própria existência!”.

A hora em que dizeis: “Que importa minha razão? Procura ela o saber, como o leão seu alimento? Ela é pobreza, imundície e lamentável satisfação!”.

A hora em que dizeis: “Que importa minha virtude? Ela ainda não me fez delirar. Como estou cansado de meu bem e

meu mal! Tudo isso é pobreza, imundície e lamentável satisfação!“.

A hora em que dizeis: “Que importa minha justiça? Não estou me vendo a ser brasa e carvão. Mas o justo é brasa e carvão!“.

A hora em que dizeis: “Que importa minha compaixão? A compaixão não é a cruz em que pregam aquele que ama os homens? Mas minha compaixão não é crucificação”.

Já falastes assim? Já gritastes assim? Ah, tivesse eu ouvido gritardes assim!

Não o vosso pecado — a vossa frugalidade brada aos céus, vossa avareza até no pecado brada aos céus!

Onde está o raio que venha lamber-vos com sua língua? Onde está a loucura com que deveríeis ser vacinados?

Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é esse raio, ele é essa loucura! —

Depois de Zaratustra assim falar, alguém do povo gritou: “Já ouvimos bastante sobre o equilibrista; agora nos deixa vê-lo!”. E todos riram de Zaratustra. Mas o equilibrista, que achava que as palavras se referiam a ele, pôs-se a trabalhar.

**4.** Mas Zaratustra olhou para o povo e se admirou. Então falou assim:

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem — uma corda sobre um abismo.

Um perigoso para-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter.

Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*.<sup>8</sup>

Amo aqueles que não sabem viver a não ser como quem declina, pois são os que passam.

Amo os grandes desprezadores, porque são os grandes reverenciadores, e flechas de anseio pela outra margem.

Amo aqueles que não buscam primeiramente atrás das estrelas uma razão para declinar e serem sacrificados: mas que se

sacrificam à terra, para que um dia a terra venha a ser do super-homem.

Amo aquele que vive para vir a conhecer, e que quer conhecer para que um dia viva o super-homem. E assim quer o seu declínio.

Amo aquele que trabalha e inventa, para construir a casa para o super-homem e lhe preparar terra, bicho e planta: pois assim quer o seu declínio.

Amo aquele que ama a sua virtude: pois virtude é vontade de declínio e uma flecha de anseio.

Amo aquele que não guarda uma gota de espírito para si, mas quer ser inteiramente o espírito de sua virtude: assim anda ele como espírito sobre a ponte.

Amo aquele que faz, de sua virtude, seu pendor e sua fatalidade: assim quer ele, por causa de sua virtude, ainda viver e não mais viver.

Amo aquele que não quer ter virtudes demais. Uma virtude é mais virtude do que duas, pois significa mais laços em que a fatalidade pende.

Amo aquele cuja alma esbanja a si mesma, que não quer gratidão e não devolve: pois ele sempre doa e não quer se guardar.

Amo aquele que se envergonha quando o dado cai a seu favor, e que então pergunta: sou um jogador desleal? — pois ele quer perecer.<sup>9</sup>

Amo aquele que lança à frente dos seus atos palavras de ouro e faz sempre mais do que promete: pois ele quer o seu declínio.

Amo aquele que justifica os vindouros e redime os passados: pois quer perecer devido aos presentes.

Amo aquele que açoita seu deus porque ama seu deus:<sup>10</sup> pois tem de perecer da ira de seu deus.

Amo aquele cuja alma é profunda também no ferimento, e que pode perecer de uma pequena vivência: assim passa de bom grado sobre a ponte.

Amo aquele cuja alma transborda de cheia, de modo que esquece a si próprio e todas as coisas estão nele: assim, todas as coisas se tornam seu declínio.

Amo aquele de espírito livre e coração livre: assim, sua cabeça não passa de entranhas do seu coração, mas seu coração o impele ao declínio.

Amo todos aqueles que são como gotas pesadas, caindo uma a uma da negra nuvem que paira sobre os homens: eles anunciam a chegada do raio, e como arautos perecem.

Vede, eu sou um arauto do raio e uma pesada gota da nuvem: mas esse raio se chama super-homem. —

5. Depois de falar essas palavras, Zaratustra olhou novamente para o povo e calou. “Aí estão eles e riem”, falou para seu coração, “não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos.

Será preciso antes partir-lhes as orelhas, para que aprendam a ouvir com os olhos? Será preciso estrondear como os timbales e os pregadores da penitência? Ou acreditarão apenas num homem que balbucia?

Eles possuem algo de que se orgulham. Como chamam mesmo o que os faz orgulhosos? Chamam de cultura,<sup>11</sup> é o que os distingue dos pastores de cabras.

Por isso não gostam de ouvir a palavra ‘desprezo’ quando se fala deles. Então falarei ao seu orgulho.

Então lhes falarei do que é mais desprezível: ou seja, do *último homem.*”

E assim falou Zaratustra ao povo:

É tempo de o homem fixar sua meta. É tempo de o homem plantar o germe de sua mais alta esperança.

Seu solo ainda é rico o bastante para isso. Mas um dia este solo será pobre e manso,<sup>12</sup> e nenhuma árvore alta poderá nele crescer.

Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lança a flecha de seu anseio por cima do homem, e em que a corda do seu arco desaprendeu de vibrar!

Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós.

Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não

dará à luz nenhuma estrela. Ai de nós! Aproxima-se o tempo do homem mais desprezível, que já não sabe desprezar a si mesmo.

Vede! Eu vos mostro *o último homem*.

“Que é amor? Que é criação? Que é anseio? Que é estrela?” — assim pergunta o último homem, e piscam o olho.

A terra se tornou pequena, então, e nela saltita o último homem, que tudo apequena. Sua espécie é inextinguível como o pulgão; o último homem é o que tem vida mais longa.

“Nós inventamos a felicidade” — dizem os últimos homens, e piscam o olho.

Eles deixaram as regiões onde era duro viver: pois necessita-se de calor. Cada qual ainda ama o vizinho e nele se esfrega: pois necessita-se de calor.

Adoecer e desconfiar é visto como pecado por eles: anda-se com toda a atenção. Um tolo, quem ainda tropeça em pedras ou homens!

Um pouco de veneno de quando em quando: isso gera sonhos agradáveis. E muito veneno por fim, para um agradável morrer.

Ainda se trabalha, pois trabalho é distração. Mas cuida-se para que a distração não canse.

Ninguém mais se torna rico ou pobre: ambas as coisas são árduas. Quem deseja ainda governar? Quem deseja ainda obedecer? Ambas as coisas são árduas.

Nenhum pastor e um só rebanho! Cada um quer o mesmo, cada um é igual: quem sente de outro modo vai voluntariamente para o hospício.

“Outrora o mundo inteiro era doido” — dizem os mais refinados, e piscam o olho.

São inteligentes e sabem tudo o que ocorreu: então sua zombaria não tem fim. Ainda brigam, mas logo se reconciliam — de outro modo, estraga-se o estômago.

Têm seu pequeno prazer do dia e seu pequeno prazer da noite: mas respeitam a saúde.

“Nós inventamos a felicidade” — dizem os últimos homens, e piscam o olho. —

E aqui findou o primeiro discurso de Zaratustra, que é chamado de “prólogo”:<sup>13</sup> pois nesse ponto interromperam-no os gritos e o júbilo da multidão. “Dá-nos esse último homem, ó Zaratustra” — clamavam as pessoas —, “torna-nos como esse último homem! E nós te presenteamos o super-homem!” E toda a gente exultava e estalava a língua. Zaratustra entristeceu-se, porém, e disse ao seu coração:

Eles não me compreendem: não sou a boca para esses ouvidos.

Vivi demasiado tempo nas montanhas, talvez, e demasiado escutei as árvores e os córregos: agora lhes falo como os pastores de cabras.

Plácida está minha alma, e clara como os montes na manhã. Mas eles acham que sou frio, e um zombador de terríveis pilhérias.

E agora eles olham para mim e riem: e, ao rir, também me odeiam. Há gelo no seu riso.

**6.** Mas então sucedeu algo que fez toda boca silenciar e todo olhar enrijecer. Nesse meio-tempo o equilibrista começara seu trabalho: surgira de uma pequena porta e andava sobre a corda que se achava estendida entre duas torres, acima da praça e do povo.<sup>14</sup> Quando estava no meio de seu caminho, abriu-se novamente a pequena porta e um rapaz de vestes coloridas, semelhante a um palhaço, pulou fora e seguiu o primeiro com passos rápidos. “Adiante, aleijado!”, gritou com voz terrível, “adiante, preguiçoso, muambeiro, cara-pálida! Para eu não te fazer cócegas com meu calcanhar! Que fazes aqui entre as torres? Teu lugar é na torre, devias ser trancafiado, estorvas o caminho de alguém melhor do que tu!” — E a cada palavra lhe chegava mais próximo; porém, quando estava a somente um passo do equilibrista, sucedeu a coisa pavorosa que fez toda boca silenciar e todo olhar enrijecer: — lançou um grito de demônio e saltou sobre aquele que lhe estava no caminho. Mas esse, vendo seu rival assim triunfar, perdeu a cabeça e a corda; desfez-se de sua vara e mais rapidamente do que ela mergulhou